

Ernest Hemingway

PARIS  
É UMA FESTA

IMPRESSÕES DA VIDA DO AUTOR EM PARIS,  
POR ALTURAS DA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XX

*tradução de*  
Virgínia Motta

LIVROS DO BRASIL

## UM BOM CAFÉ NA PLACE DE SAINT-MICHEL<sup>1</sup>

Vinha então o mau tempo, que chegava, um dia, no fim do outono. O remédio era fechar as janelas à noite, por causa da chuva, enquanto o vento arrancava as folhas às árvores da Place Contrescarpe. As folhas jaziam ensopadas no solo e o vento atirava com a chuva de encontro aos grandes autocarros verdes na estação terminal. O Café des Amateurs enchia-se de gente e as janelas embaciavam-se todas, com o calor e o fumo que lá dentro reinavam. Era um café triste e mal orientado, onde os bêbedos do sítio se apinhavam, e que eu evitava, devido ao cheiro a corpos sujos e ao azedo da embriaguez. Os homens e as mulheres que frequentavam o Amateurs andavam permanentemente embriagados ou, pelo menos, sempre que tinham dinheiro para isso, e a maior parte das vezes faziam-no com vinho que compravam aos litros e aos meios litros. Anunciavam-se lá aperitivos de nomes muito esquisitos, mas poucos eram os clientes que se podiam dar ao luxo de os tomar, a não ser que deles necessitassem para assentar o estômago, à laia de preparação para os copos de vinho que se seguiriam. As mulheres que se embriagavam eram conhecidas pelo nome de *poivrottes*, o que quer dizer borrachonas.

O Café des Amateurs era a cloaca da Rue Mouffetard, essa maravilhosa rua estreita, sempre coalhada de gente, por via do seu mercado, que desembocava na Place Contrescarpe. As re Bretes de agachar das velhas casas de apartamentos — havia uma em cada andar, ao princípio das escadas — com os seus relevos de cimento estriado em forma de sapato de cada lado da abertura, para evitar que algum *locataire* escorregasse —

<sup>1</sup> Em toda a tradução se mantém em francês o que Ernest Hemingway entendeu conservar nessa língua, com exceção das formas já absolutamente consagradas na nossa. (N. da T.)

davam para fossas que à noite eram esvaziadas por meio de uma bomba, para o interior de carros-tanque puxados por cavalos. No verão, o barulho da bomba entrava pelas janelas abertas, acompanhado de fortes emanações. Os carros-tanque eram pintados de amarelo e de cor de açafão, e quando, à luz da Lua, eles trabalhavam na Rue Cardinal Lemoire, os cilindros puxados pelos cavalos faziam pensar nos quadros de Braque.

Mas a cloaca do Café des Amateurs é que ninguém esvaziava, e o seu cartaz amarelecido, onde se liam os termos e as penalidades impostas pela lei contra a embriaguez pública, era tão desprezado e estava tão sujeito das moscas como os clientes eram assíduos e mal-cheirosos.

A tristeza imensa da cidade surgiu de repente, com as primeiras chuvas geladas de inverno. Os cimos das casas altas e brancas deixaram de se ver; tudo o que se enxergava era o negrume molhado da rua, as portas fechadas das lojucas, os vendedores de legumes, a papelaria, os quiosques dos jornais, a tabuleta da porteira — 2.<sup>a</sup> classe — e o hotel onde Verlaine morreu e onde eu, no último andar, mantinha um quarto que me servia de gabinete de trabalho. Para chegar lá acima, via-me forçado a trepar uns seis ou oito andares. Fazia um frio danado e eu sabia quanto teria de pagar por um feixe de pauzitos, por três molhos de madeira de pinheiro, atados com arames, do tamanho de meio lápis cada um, para pegar o lume aos pauzitos, e, finalmente, pelo feixe de madeira dura e meio seca que teria de comprar se porventura quisesse alimentar uma fogueira capaz de me aquecer o quarto. Por isso, continuei até ao outro extremo da rua, para observar o telhado à chuva, e ver se as chaminés estavam a trabalhar e de que modo saía o fumo. Não vi fumo nenhum e pus-me então a pensar que a chaminé devia estar fria, que podia estar com má tiragem e que o quarto ficaria possivelmente cheio de fumo. Teria então gasto o meu combustível e com ele o meu dinheiro. Por isso, fui continuando à chuva o meu caminho. Passei o Lycée Henri IV, a antiga igreja de Saint-Étienne-du-Mont e a Place du Panthéon, nessa altura varrida pelo vento; cortei à direita, à procura de abrigo, desembocando finalmente no lado mais abrigado do Boulevard Saint-Michel. Continuei a descer, passei pelo Cluny e pelo Boulevard Saint-Germain,

até que me encontrei diante de um bom café que eu conhecia na Place Saint-Michel.

Era um café agradável, quente, asseado e de ambiente acolhedor. Pendurei o meu velho impermeável no cabide, a fim de secar; o meu chapéu de feltro, já gasto e desbotado, no cabide que ficava por cima do banco e mandei vir um *café au lait*. Quando o criado mo trouxe, saquei do bolso um caderno de apontamentos e um lápis e comecei a escrever. Andava a escrever uma coisa que se passava a montante do Michigan e, uma vez que estava um dia péssimo, frio e ventoso, seria um dia assim que eu iria descrever. Eu já tivera ocasião de observar o fim do outono na minha infância, na adolescência e na primeira mocidade, e há sítios em que essa época do ano se pode descrever melhor do que noutros. Estava a fazer aquilo a que eu chamava transplantação e isso tanto podia tornar-se necessário para as pessoas como para toda a espécie de coisas que crescem. Mas, no meu conto, os rapazes estavam a beber, o que me provocou sede e me levou a pedir um rum *St. James* que me soube maravilhosamente naquele dia de frio intenso. Continuei a escrever, sentindo-me muito bem disposto com aquele esplêndido rum da Martinica a aquecer-me tanto o corpo como o espírito.

Uma rapariga entrou no café e foi sentar-se a uma mesa perto da janela. Era muito bonita. Possuía um rosto fresco como uma moeda acabada de cunhar — se acaso fosse possível cunhar moeda em carne macia e húmida da chuva. O cabelo, muito curto e negro como a asa de um corvo, emoldurava-lhe a face em diagonal.

Ao olhá-la, senti-me perturbado e num estado de grande excitação. Apeteceu-me metê-la no meu conto, ou em qualquer parte, mas a rapariga colocara-se de maneira a poder observar a rua e a entrada do café. Percebi que estava à espera de alguém. Por isso, continuei a escrever.

O conto ia-se escrevendo por si próprio e eu via-me aflito para o acompanhar. Mandei vir outro rum e ia observando a rapariga sempre que levantava os olhos ou que aparava o lápis com um aparalápis, enquanto as aparas de madeira se iam encaracolando no pires que tinha debaixo do cálice.

«Eu vi-te, ó formosura, e tu agora pertences-me embora estejas à espera de alguém e eu não torne possivelmente a ver-te em toda a minha vida», pensei. «Pertences-me e toda a cidade de Paris me pertence como eu pertença a este caderno e a este lápis.»

Depois, enfronhei-me mais uma vez no que estava a escrever. Avancei pela história dentro, acabando por me perder nela. Agora era eu que escrevia e não o conto que se escrevia a si próprio, de forma que não tornei a levantar a cabeça. Esqueci-me do tempo, do lugar em que me encontrava e nem sequer mandei vir mais rum *St. James*. Fartara-me dele embora nem sequer nele pensasse. Por fim, acabei o conto. Sentia-me cansadíssimo. Li o último parágrafo e, quando levantei os olhos à procura da rapariga, já ela tinha saído. «Oxalá tenha ido com um homem decente», pensei. Mas senti-me triste.

Fechei o caderno; meti-o na algibeira de dentro e pedi ao criado uma dúzia de *portugaises* e meia garrafa de vinho branco, seco, da casa. Depois de escrever uma história, sentia-me sempre vazio e simultaneamente triste e feliz como se tivesse acabado de me entregar ao amor físico e ficava, nessa altura, com a certeza de que escrevera uma história muito boa, embora não soubesse ao certo qual o seu verdadeiro valor senão quando, no dia seguinte, a lia de ponta a ponta.

Comi as ostras, que possuíam um forte sabor a água do mar e um leve travo metálico que o vinho branco e fresco ia neutralizando para lhes deixar somente o gosto próprio da sua massa succulenta, e, à medida que ia bebendo o líquido frio de cada concha e o fazia descer com o vinho fresco e bem apaladado, ia deixando de sentir a tal impressão de vazio. Comecei a sentir-me feliz e a fazer planos.

Nessa altura, que o mau tempo chegara, poderíamos deixar Paris por uns tempos e irmos para qualquer sítio onde, em vez de chuva, houvesse neve a descer por entre pinheiros e a cobrir as estradas e as encostas das altas montanhas, a uma altitude a que a sentíssemos ranger quando à noite regressássemos a casa. Abaixo de Les Avants havia um *chalet*, onde a pensão era esplêndida e onde poderíamos estar juntos, ter

os nossos livros e sentirmo-nos quentes à noite, bem juntos, na cama, com as janelas abertas e as estrelas a luzir no céu. Eis para onde iríamos. As viagens de comboio em terceira classe não eram caras. Com a pensão, pouco mais gastaríamos do que em Paris.

Deixaria o quarto de hotel onde escrevia e ficaria apenas com a renda do n.º 74 da Rue Cardinal Lemoire, que era nominal. Escrevera umas coisas para um jornal de Toronto e já tinha recebido os cheques respeitantes ao meu trabalho. E artigos de jornal era coisa que eu poderia escrever em qualquer parte e em quaisquer circunstâncias e, assim, dispúnhamos de dinheiro para a viagem.

Talvez longe de Paris eu pudesse escrever coisas a respeito de Paris, como em Paris conseguia escrever acerca do Michigan. Nessa altura, ignorava que era cedo de mais para isso, pois ainda não conhecia Paris suficientemente bem. Mas eventualmente era assim que as coisas se passavam. De qualquer maneira, iríamos se a minha mulher tivesse vontade de ir. Acabei as ostras e o vinho; paguei a conta e regresssei pelo caminho mais curto, pela Montagne Sainte-Genève, debaixo de chuva, a qual nesse tempo era simples estado de tempo local e não algo suscetível de transformar a nossa vida, à nossa casa do cimo da colina.

— Acho que vai ser maravilhoso, Tatíe — disse a minha mulher. Ela possuía um rosto suavemente modelado e tanto os olhos como a boca se lhe riam ante qualquer decisão como se se tratasse de ricos presentes que eu lhe oferecesse. — Quando é que partimos?

— Quando quiseres.

— Ai, quero ir já! Não sabes isso?

— Talvez, quando regressarmos, o tempo já esteja bonito e límpido. Desde que esteja límpido, embora faça frio, o tempo pode ser ótimo.

— Com certeza — respondeu ela. — Que boa lembrança, essa que tiveste, de irmos viajar!